OPINIÃO SOCIALISTA

PSTU

Nº 538
De 5 a 19 de julho de 2017
Ano 20

CONTRIBUIÇÃO R$2 (11) 9.4101-1917 PSTU Nacional www.pstu.org.br @pstu Portal do PSTU

30 DE JUNHO

UM FORTE DIA DE PARALISAÇÕES E MANIFESTAÇÕES NO PAÍS

Apesar do desmonte da Greve Geral pelas cúpulas da Força, UGT e CUT

VAMOS UNIR OS DE BAIXO PARA DERRUBAR OS DE CIMA

FOTO: SINDMETAL-SJC

GREVE GERAL 1917

Primeira greve operária brasileira completa 100 anos

PÁGINAS 12 E 13

ARGENTINA

Contra pobreza e desemprego, trabalhadores vão pra cima de Macri

PÁGINA 14

NACIONAL

Bandidos comandam transporte coletivo no Brasil

PÁGINA 4

CRACOLÂNDIA

Guerra contra as drogas ou contra os pobres?

PÁGINA 5

CHARGE

ACEITO TODOS OS CARTÕES
VISA MasterCard sodexo Ticket Restaurante BITCOINS

HOME OFFICE EM TEMPOS DE REFORMA TRABALHISTA

Falou Besteira

"É brasileiro nato, chefe de família, com carreira política elogiável"

MARCO AURÉLIO MELLO, do Supremo Tribunal Federal (STF), explicando porque deixou Aécio Neves voltar ao Senado. De carreira, Aécio entende bem.

CAÇA-PALAVRAS

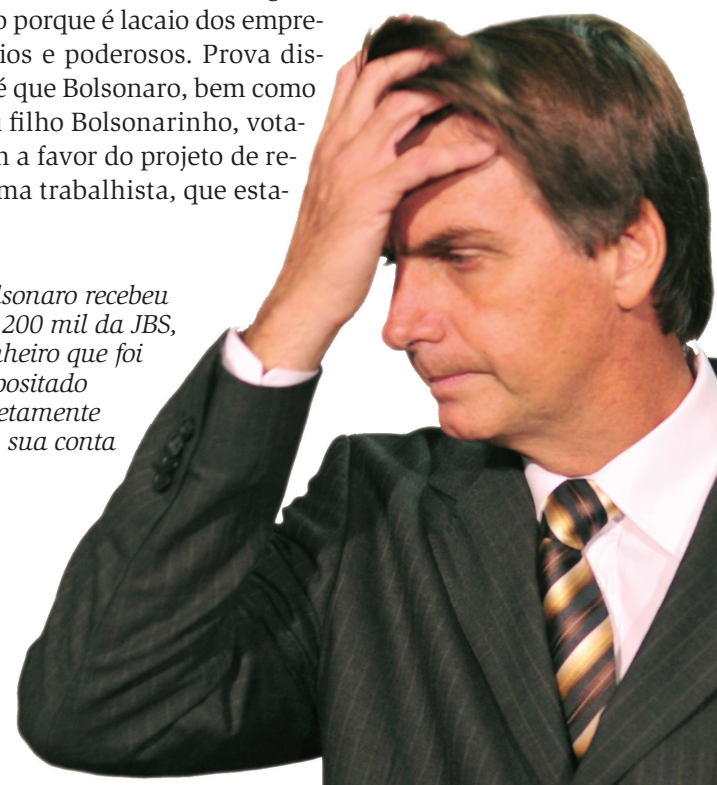
Super-heroínas

I Â T R F Â Ã X Â M Ü I U I H N C Ò V
Z T Ô À U Â Ò U Á T Í B X I Ü Ò D L S
Ô Õ À W Õ C F M H M Á X K N Ô Z G J D
S Ê M U L H E R M A R A V I L H A O H
Y S L V Ç A H I R F G E B X Ú I Q F M
Á V Ó V Ü L Â B Ô I Z Â Õ W H U H C Ô
L Ç T E M P E S T A D E G Ç T F T R Ã
Ü L M W N V Õ H Ê Ü V Ü T A I Â Ó Õ O
L Q Õ W M Ã Ó Z Q Ã Ô R Á Q À T Q O M
Ó L P À Y Í J O É A L É À É C T S P Ô
M B L Õ I Ü X I Â F V S B P X A À B Ú
Á K Y A Ô J U S Í Q B Ã U Q Â T Ã J W
À À R V U L S B Y Ô A C Â L H Â G T C
S S Ú Q R É À Z P L T C Ã Õ G À Ô C U
Á Q V À M Q Ç Ó É G G T L F E N I X Õ
M K Í F Ê J U C Ê F I R Ú H S C M Ú V
É Õ É T À U Ã Ü C O R I F N W E S Ó R
Ç Ê M A Z L Ê D G A L X E S Ã B G Á Ü
Q E Ü Z L I M T I Ç L B Q D T L É Y J
Í L Í Q Ô F E L E K T R A L G C Ç R C

RESPOSTA: Batgirl, Mulher Maravilha, Tempestade, Fênix, Elektra

Bol$onaro & Família

Muitos acham que Jair Bolsonaro fala o que pensa e que, por isso, não é como os políticos tradicionais que estão por aí. Essa imagem é totalmente falsa e revela uma grande desinformação sobre Bolsonaro e sua família. Recentemente, o deputado disse que sua especialidade "é matar". Mais uma frase de efeito que pretende enganar gente desinformada. Bolsonaro está na política desde 1988. Nesse período, enriqueceu e ainda botou sua família no ramo. Na sua última campanha, Bolsonaro recebeu R$ 200 mil da JBS do Joesley Safadão – a maior doação de sua campanha. A grana foi depositada diretamente na conta dele, ou seja, não teve nada a ver com "doação ao partido" como disse o deputado. Seu filho, o deputado federal Eduardo Bolsonaro, recebeu R$ 567 mil da empreiteira OAS, que está no mar de lama da Lava Jato. Os dois custam, por ano, aos cofres públicos R$ 2 bilhões, pois desfrutam das mordomias pagas aos parlamentares do Congresso. E ainda tem Flavio Bolsonaro, eleito deputado estadual do Rio de Janeiro com dinheiro da JBS. Na época, ele estava com a turma de Cabral e Pezão. Jair Bolsonaro só fala grosso com gente pobre, mulheres, LGBTs e negros. Isso porque é lacaio dos empresários e poderosos. Prova disso é que Bolsonaro, bem como seu filho Bolsonarinho, votaram a favor do projeto de reforma trabalhista, que estava em discussão na Câmara dos Deputados. Para eles, leis que protegem o trabalhador é coisa de "vagabundo". Como se pode ver, nos últimos anos, além da capacidade de falar besteiras, aumentou também o bolso e o patrimônio de Bol$onaro & Família.

Bolsonaro recebeu R$ 200 mil da JBS, dinheiro que foi depositado diretamente em sua conta

Flores de Temer

O gabinete de Michel Temer vai gastar R$ 480 mil na compra de alimentos, água, perfume e flores segundo levantamento da Folha de S. Paulo. Duas licitações da Presidência estimam gastar R$ 137 mil em itens como café, chá, leite, achocolatado, geleias, biscoitos doces e salgados, refrigerantes e sucos integrais. Estão na lista, por exemplo, o fornecimento de 5Kg de figo seco (R$ 329), 5 mil barrinhas de cereal (R$ 3.500) e 39 mil garrafas de 1,5L de água (R$ 50.310). As *"flores nobres, tropicais e de campo"*, cujo valor total da contratação é de R$ 341 mil conforme o edital, serão usadas em eventos com autoridades estrangeiras e arranjos no gabinete pessoal. As plantas também serão usadas em 32 coroas fúnebres em caso de *"falecimentos de autoridades"*. Também serão distribuídas pela entrada do Palácio do Jaburu. Deve ser para esconder as visitas que o presidente recebe. Cá entre nós, o longo processo de óbito do governo Temer vai precisar de muitos mais coroas fúnebres do que o previsto.

Só em flores haverá um gasto de R$ 341 mil. Será que é preciso tanto para enfeitar o gabinete do presidente?

Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 / Atividade Principal 91.92-8-00

JORNALISTA RESPOSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb 14.555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido, Romerito Pontes

DIAGRAMAÇÃO Romerito Pontes e Victor Bud

IMPRESSÃO Gráfica Mar Mar

CONTATO

FALE CONOSCO VIA **WhatsApp**

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925, Bela Vista
São Paulo (SP) – CEP 01313-000

NOSSAS SEDES

NACIONAL

Av. 9 de Julho, N° 925
Bela Vista - São Paulo (SP)
CEP 01313-000 | Tel. (11) 5581-5776
www.pstu.org.br
www.litci.org
pstu@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ | Tel. (82) 9.8827-8024

AMAPÁ

MACAPÁ | Av. Alexandre Ferreira da Silva, N° 2054. Novo Horizonte
Tel. (96) 9.9180-5870

AMAZONAS

MANAUS | R. Manicoré, N° 34. Cachoeirinha. CEP 69065-100
Tel. (92) 9.9114-8251

BAHIA

ALAGOINHAS | R. Dr. João Dantas, N° 21. Santa Terezinha
Tel. (75) 9.9130-7207

ITABUNA | Tel. (73) 9.9196-6522
(73) 9.8861-3033

SALVADOR | (71) 9.9133-7114
www.facebook.com/pstubahia

CEARÁ

FORTALEZA | (85) 9772-4701

IGUATU | R. Ésio Amaral, N° 27.
Jardim Iguatu. Tel. (88) 9.9713-0529

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA | SCS Quadra 6, Bloco A, Ed. Carioca, sala 215, Asa Sul.
Tel. (61) 3226.1016 / (61) 9.8266-0255
(61) 9.9619-3323

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA | Tel. (27) 9.9876-3716
(27) 9.8158-3498
pstuvitoria@gmail.com

GOIÁS

GOIÂNIA | Tel. (62) 3278.2251
(62) 9.9977-7358

MARANHÃO

SÃO LUÍS | R. dos Prazeres, Nº 379. Centro
(98) 9.8847-4701

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE | R. Brasilândia, Nº 581
Bairro Tiradentes.
Tel. (67) 9.9989-2345 / (67) 9.9213-8528

TRÊS LAGOAS | R. Paranaíba, N° 2350.
Primaveril
Tel. (67) 3521.5864 / (67) 9.9160-3028
(67) 9.8115-1395

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE | R. dos Goitacazes, Nº 103, sala 1604. Centro.
CEP: 30190-910
Tel. (31) 3879-1817 / (31) 8482-6693
pstubh@gmail.com

CONGONHAS | R. Magalhães Pinto, N° 26A. Centro.
www. facebook.com/pstucongonhasmg

CONTAGEM | Tel. (31) 9.8482-6693

ITAJUBÁ | R. Rennó Junior, N° 88. Medicina.
Tel. (35) 9.8405-0010

JUIZ DE FORA | Av. Barão do Rio Branco, Nº 1310. Centro (ao lado do Hemominas)
Tel. (32) 9.8412-7554
pstu16juizdefora@gmail.com

MARIANA | R. Monsenhor Horta, N° 50A, Rosário.
www.facebook.com/pstu.mariana.mg

MONTE CARMELO | Av. Dona Clara, N° 238, Apto. 01, Sala 3. Centro.
Tel. (34) 9.9935-4265 / (34) 9227.5971

PATROCÍNIO| R. Quintiliano Alves, Nº 575. Centro.
Tel. (34) 3832-4436 / (34) 9.8806-3113

SÃO JOÃO DEL REI | R. Dr. Jorge Bolcherville, Nº 117 A. Matosinhos.
Tel. (32) 8849-4097
pstusjdr@yahoo.com.br

UBERABA | R. Tristão de Castro, N°127. Centro.
Tel. (34) 3312-5629 / (34) 9.9995-5499

UBERLÂNDIA | R. Prof. Benedito Marra da Fonseca, N° 558 (frente).
Luizote de Freitas.
Tel. (34) 3214.0858 / (34) 9.9294-4324

PARÁ

BELÉM (Ananindeua e Marituba) |
Tel. (91) 9.8160-7579

BELÉM (Augusto Montenegro) |
Alameda 02, Quadra 141, N° 35.
Parque Verde. Tel. (91) 9.8209-6628

BELÉM (Centro) |Travessa 9 de janeiro, Nº 1800. Cremação. Tel. (91) 9.8309-8218

PARAÍBA

JOÃO PESSOA | Av. Apolônio Nobrega, Nº 117. Castelo Branco
Tel. (83) 3243-6016

PARANÁ

CURITIBA | Tel. (44) 9.9951-1604
MARINGÁ | Tel. (41) 9.9668-3079

PERNAMBUCO

REFICE | R. do Sossego, N° 220, Térreo.
Boa Vista. Tel: (81) 3039.2549

PIAUÍ

TERESINA | R. Desembargador Freitas, N° 1849. Centro.
www. pstupiaui.blogspot.com

RIO DE JANEIRO

CAMPOS | Tel. (22) 9.8116-7984

DUQUE DE CAXIAS | Av. Brigadeiro Lima e Silva, Nº 2048, sala 404. Centro.
Tel. (21) 9.6942-7679

MACAÉ | R. Barros Júnior, Nº 546.
Centro. Tel. (22) 9.8260-1628

MADUREIRA | Tel. (21) 9.8260-8649

NITERÓI | Av. Amaral Peixoto, Nº 55, sala 1001. Centro. Tel. (21) 9.8249-9991

NOVA FRIBURGO | R. Guarani, Nº 61.
Centro. Tel. (22) 9.9795-1616

NOVA IGUAÇU | R. Barros Júnior, Nº 546.
Centro. Tel. (21) 9.6942-7679

RIO DE JANEIRO | R. da Lapa, Nº 180.
Centro. Tel. (21) 2232.9458
riodejaneiro@pstu.org.br
www.rio.pstu.org.br

SÃO GONÇALO | R. Valdemar José Ribeiro, Nº1 07, casa 8. Alcântara.

VOLTA REDONDA | R. Neme Felipe, Nº 43, sala 202. Aterrado.
Tel. (24) 9.9816-8304

RIO GRANDE DO NORTE

MOSSORÓ | R/ Dr. Amaury, N° 72. Alto de São Manuel. Tel. (84) 9-8809.4216

NATAL | R. Princesa Isabel, Nº 749.
Cidade Alta. Tel. (84) 2020-1290
(84) 9.8783-3547 [Oi]
(84) 9.9801-7130 [Tim]

RIO GRANDE DO SUL

ALVORADA | Tel. (51) 9.9267-8817

GRAVATAÍ | Tel. (51) 9.8560-1842

PASSO FUNDO | Av. Presidente Vargas, N° 432, Sala 20 B. Tel. (54) 9.9993-7180
pstupassofundo16@gmail.com

PORTO ALEGRE | R. Luis Afonso, Nº 743.
Cidade Baixa. Tel. (51) 3024-3486
(51) 3024-3409 / (51) 9871.8965
pstugaucho.blogspot.com

SANTA CRUZ DO SUL| Tel. (51) 9.9807-1722

SANTA MARIA | (55) 9.9925-1917
pstusm@gmail.com

RORAIMA

BOA VISTA | Tel. (95) 9.9169-3557

SANTA CATARINA

BLUMENAU | Tel. (47) 9.8726-4586

CRICIÚMA | Tel. (48) 9.9614-8489

FLORIANÓPOLIS | R. Monsenhor Topp, N°17, 2° andar. Centro.
Tel: (48) 3225-6831 / (48) 9611-6073
florianopolispstu@gmail.com

JOINVILLE | Tel. (47) 9.9933-0393
pstu.joinville@gmail.com;
www.facebook.com/pstujoinville

SÃO PAULO

ABC | R. Odeon, Nº 19. Centro (atrás do Term. Ferrazópolis). Tel. (11) 4317-4216
(11) 9.6733-9936

BAURU | R. 1º de Agosto, Nº 447, sala 503D. Centro. Tel. (14) 9.9107-1272

CAMPINAS | Av. Armando Mário Tozzi, N° 205. Jd. Metanopolis.
Tel. (19) 9.8270-1377
www.facebook.com/pstucampinas;
www.pstucampinas.org.br

GUARULHOS | Tel. (11) 9.7437-3871

MARÍLIA| Tel. (14) 9.8808-0372

OSASCO| Tel. (11) 9.9899-2131

SANTOS| R. Silva Jardim, Nº 343, sala 23. Vila Matias.
Tel. (13) 9.8188-8057 / (11) 9.6607-8117

SÃO PAULO (Centro)| Praça da Sé, N° 31.
Centro. Tel. (11) 3313-5604

SÃO PAULO (Leste)| R. Henrique de Paula França, Nº 136. São Miguel Paulista

SÃO PAULO (Oeste - Lapa)| R. Alves Branco, N° 65. Tel. (11) 9.8688.7358

SÃO PAULO (Oeste - Brasilândia)|
R. Paulo Garcia Aquiline, N° 201.
Tel. (11) 9.5435-6515

SÃO PAULO (Sul - Capão Redondo)| R. Miguel Auza, N° 59. Tel: (11) 9.4041-2992

SÃO PAULO (Sul - Grajaú)| R. Louis Daquin, N° 32.

SÃO CARLOS| Tel. (16) 9.9712-7367

S. JOSÉ DO RIO PRETO| Tel. (16) 9.8152-9826

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS| R. Romeu Carnevalli, Nº63, Piso 1. Bela Vista.
(12) 4931-2845 / pstusjc@uol.com.br

SERGIPE

ARACAJU| R. Propriá, Nª 479. Centro.
CEP 49010-020. Tel. (79) 3251-3530
(79) 9.9919-5038

Os próximos passos

O dia 30 de junho podia ter sido maior, e uma verdadeira greve geral podia ter acontecido, não fossem as cúpulas das principais Centrais (Força, UGT e CUT) terem operado um desmonte das paralisações, especialmente das fábricas, em particular em São Paulo. Apesar do desmonte, prova da indignação e disposição de luta que há por baixo, houve um forte dia de paralisações, mesmo no setor operário, e de manifestações em todo o país. Em alguns estados, repetiu-se a força de 28 de abril, praticamente ocorrendo uma Greve Geral.

Por trás do desmonte, houve um duplo acordão. Primeiro, a negociação da cúpula de algumas centrais em torno da reforma trabalhista, a partir de uma promessa de Temer de manter de alguma maneira o indecente imposto sindical. Só a CSP-Conlutas é contra o imposto sindical e se nega a recebê-lo. O acordo salva-corruptos junta PT, PMDB, PSDB, PCdoB e Solidariedade, que apoiam de diferentes maneiras, seja fazendo corpo mole, não fazendo marolas com greves gerais, seja atuando todos juntos contra a Lava Jato.

Mas a luta continua, e a crise do governo também. A classe trabalhadora não está derrotada, tem disposição de luta. Os de cima sabem disso. Tanto que temem uma convulsão social. O desemprego está insuportável, os salários arrochados e os serviços públicos desmontados. A violência não para, e a indignação é enorme com o governo, o Congresso e o Judiciário.

No Senado, querem votar a reforma trabalhista até 14 de julho. Na Câmara, o governo quer votar e derrubar, antes do recesso parlamentar, que começa dia 18 de julho, a denúncia de corrupção contra Temer. Se a Câmara aceitar a denúncia, Temer vira réu no STF e é obrigado a se licenciar por 180 dias enquanto será julgado. Para derrubar a denúncia, Temer precisa impedir que dois terços dos deputados votem pela aceitação da mesma. Quanto mais o tempo passa, mais seu desgaste aumenta e mais deputados, mesmo corruptos, ficam preocupados em morrer abraçados com um afogado.

A crise lá em cima continua. Apesar da volta de Aécio, de soltarem o homem da mala de R$ 500 mil e de a cúpula de algumas centrais aceitarem negociar direitos, a coisa ainda não fechou. O governo está tendo dificuldades para garantir a promessa feita à cúpula da Força e da UGT de manter o imposto sindical. Nem bem foi liberado o homem da mala, outro amigo de Temer, o ex-ministro Geddel Vieira Lima, foi em cana.

É muito importante que a classe trabalhadora saiba e entenda o que aconteceu no dia 30 de junho e faça um balanço. É preciso tirar lições. Saber o que esteve por trás desse desmonte feito pela cúpula de algumas centrais. Saber, também, que, apesar disso, o dia 30 de junho foi forte, pois há muita bronca, disposição e capacidade de luta entre os de baixo. Os patrões, a mídia e mesmo parte das direções querem que acreditemos que a culpa por não ter tido a greve geral é da base. Querem nos enganar e dizer que não temos força e capacidade de luta. Isso não é verdade. Nosso problema não está embaixo, está em cima, nas cúpulas.

É importante estarmos antenados e cobrarmos mobilização e protesto na votação da reforma trabalhista. A luta continua! A greve geral continua sendo necessária e possível. Devemos seguir lutando por ela.

Queremos uma revolução socialista

A luta não para. Em cada passo, temos em mente a caminhada e o destino aonde queremos chegar. Não esquecemos, no caminho, o lugar aonde queremos ir. Não andamos à deriva quando estamos em luta e quando se trata de luta de classes. Temos um objetivo, sabemos aonde queremos chegar.

Queremos botar para fora o governo, o Congresso e as reformas, mas ainda ir além. Queremos uma vida digna: emprego, redução da jornada de trabalho, sem redução dos salários, salário decente, moradia, aposentadoria e direitos trabalhistas, educação e saúde públicas, o fim do genocídio da nossa juventude pobre e negra das periferias. Queremos coisas mínimas, que qualquer um deveria ter direito.

Em 2017, completam-se 100 anos da Revolução Russa. Os russos também queriam coisas mínimas: pão, paz e terra. Pão contra a fome, paz contra a guerra, na qual morriam milhões de camponeses, e terra para os camponeses. Por essas coisas mínimas, os operários, camponeses e soldados fizeram uma revolução socialista.

Aqui também, para conseguirmos uma vida decente, vamos precisar conquistar, por meio da nossa luta, um governo socialista dos trabalhadores, em que os de baixo governem em Conselhos Populares.

Nestes tempos de crise, caem as máscaras de governos, da Justiça e da democracia burguesa. Enquanto os de baixo estão lutando, e os de cima têm medo da gota d'água que pode transbordar o copo, temos de carregar a estratégia em cada passo. Não estamos aqui para andar sem rumo.

Por isso, é importante, junto com os próximos passos da luta, reforçar os comitês para lutar, mas também para fazer balanço, tirar lições da luta e discutir o que e como podemos fazer para mudar de verdade o Brasil e o mundo.

PROPINAS E CORRUPÇÃO

Transporte público é controlado por mafiosos

Operação Lava Jato prende cúpula do transporte rodoviário no Rio de Janeiro e mostra, mais uma vez, que transporte coletivo é controlado por bandidos.

DA REDAÇÃO

O setor de transportes é controlado por máfias em diversas cidades. Isso foi confirmado mais uma vez, no dia 3 de julho, quando a Polícia Federal realizou mais uma etapa da Operação Lava Jato no Rio de Janeiro e prendeu a cúpula do transporte rodoviário do estado. Entre os presos, estão Lélis Teixeira, presidente da Federação das Empresas de Transportes de Passageiros do Estado do Rio de Janeiro (Fetranspor), Jacob Barata Filho, um dos maiores empresários do ramo de ônibus do Rio, e agentes públicos, como Rogério Onofre, ex-presidente do Departamento de Transportes Rodoviários do Rio (Detro).

De acordo com as investigações da Operação Ponto Final, foram rastreados R$ 260 milhões em propina pagos pelos investigados a políticos, como o ex-governador Sergio Cabral e o atual governador Luiz Fernando Pezão, ambos do PMDB. A investigação aponta que Sérgio Cabral recebeu R$ 122,8 milhões de propina da cúpula dos transportes no Rio entre 2010 e 2016.

PRIVATIZAÇÃO E LUCROS

Nos anos 1990, com a onda neoliberal de privatizações que varreu o país, a maioria dos serviços públicos das prefeituras foi privatizada, como transporte, coleta de lixo, limpeza urbana etc. Empresas mafiosas se apoderaram desses serviços e passaram a financiar as campanhas eleitorais dos grandes partidos como PMDB, PT, PSDB, DEM e outros. Em troca, abocanham contratos fraudulentos com prefeituras e governos.

O aumento da passagem de ônibus foi o estopim para os protestos de junho de 2013. Na época, ficaram escancarados os benefícios que os empresários do setor recebem. Além de reajustarem a tarifa muito acima da inflação, as empresas privadas ainda recebem subsídios dos governos. Em janeiro, por exemplo, o prefeito de São Paulo, João Dória e o governador Geraldo Alckmin, os dois do PSDB, reajustaram as tarifas entre 14,8% e 30,4%, muito acima da inflação de 7,25%.

Além disso, há manipulação e fraudes nas planilhas das empresas que desviam mais dinheiro público para o bolso dos empresários do transporte. O resultado é que o Brasil tem uma das tarifas mais caras do mundo, um transporte de péssima qualidade, além de pagar salários baixíssimos para motoristas e cobradores. Quem paga essa conta alta são os trabalhadores, que são obrigados a andar de transporte público superlotado.

PARA ACABAR COM A MÁFIA

Estatização do transporte público já!

O povo trabalhador não aguenta mais ser tratado como gado em ônibus superlotados

É preciso atacar o problema do transporte público na raiz. Não é possível dar um único centavo para subsidiar as empresas privadas de ônibus. Em todo o país, é preciso exigir uma auditoria nas planilhas das empresas privadas sobre os custos do transporte. Uma auditoria que tenha a participação de organizações sociais e representativas dos trabalhadores.

Defendemos a estatização das empresas de ônibus e a construção de uma empresa única de transportes urbanos, que integre ônibus, trens e metrôs sob controle dos funcionários e usuários do sistema. Só assim será possível acabar com a sangria de bilhões de reais por ano em subsídios para engordar os lucros dos tubarões da máfia dos transportes. Esses recursos devem ser destinados para a melhoria do sistema e para pagar melhores salários aos seus funcionários. Queremos também transporte de qualidade. O povo trabalhador não aguenta mais ser tratado como gado em ônibus superlotados.

"REI DO ÔNIBUS"

Barata ostentação

Jacob Barata, conhecido como o "Rei do Ônibus", é dono de um dos maiores grupos de transportes do Rio, o Grupo Guanabara. São mais de 20 empresas de ônibus que fazem tanto serviço urbano, em contratos com o governo do Estado, quanto trajetos intermunicipais e estaduais. Em meio aos protestos de junho de 2013 contra o aumento das tarifas, o empresário realizou o casamento de sua filha, estimado em R$ 2 milhões. Na época, houve protestos, e Daniel Barata, sobrinho do empresário, atirou um cinzeiro num manifestante. Os convidados do casamento (a nata – ou coalhada – da burguesia carioca) jogaram aviõezinhos de notas de R$ 20. Roberto Cohen, cerimonialista do casamento, justificou a agressão: "[Se] um mendigo vem uma, dez vezes pedir algo, você perde a paciência", disse na época.

CRACOLÂNDIA

Uma guerra contra as drogas ou guerra aos pobres?

Operações como a repressão na Cracolândia, em São Paulo, não resolvem o problema da violência nem acabam com o tráfico de drogas

JÚLIO ANSELMO
DO RIO DE JANEIRO (RJ)

A violência nas ruas está alarmante. Como resposta, os governos, mais uma vez, apostam numa política de guerra às drogas e de aumento da letalidade policial como saída. Em São Paulo (SP), as ações do prefeito João Dória (PSDB), ao reprimir brutalmente a Cracolândia, longe de resolver o problema do uso de drogas e a ação do tráfico, gerou apenas repressão aos usuários. Na verdade, com a desculpa de combater as drogas, Dória quer implementar o projeto Nova Luz, que nada mais é do que uma higienização social. O propósito é valorizar o bairro e entregar a grandes empreiteiras e especuladores imobiliários que vão faturar muito dinheiro. Por isso, casas são demolidas à revelia dos moradores e proprietários. A guerra não é contra as drogas: é contra os pobres.

Não é só na Cracolândia. O mesmo ocorre por todo o país com as invasões policiais nas favelas e periferias, que servem apenas para matar o povo trabalhador e pobre. Assim, vão aumentando as estatísticas de mortes de moradores, de traficantes e de policiais. Depois de décadas dessa política de segurança, nada mudou. A violência segue aumentando.

TRÁFICO DE DROGAS

Um negócio capitalista que movimenta trilhões

Enquanto isso, o tráfico segue lucrando e muito. De acordo com a ONU, o negócio movimenta o equivalente a 3,6% do PIB mundial, mais de US$ 2 trilhões em 2009. Recentemente, a Polícia Federal prendeu, no Mato Grosso, Luiz Carlos da Rocha, um grande traficante. Segundo as investigações, ele atuava no tráfico internacional há mais de 30 anos e seria um traficante maior que Beira Mar e Juan Carlos Abadia.

Isso mostra que os chefes do tráfico estão bem longe das periferias das grandes cidades. Vivem em mansões luxuosas, lavam seu dinheiro no sistema financeiro internacional e têm relações com o alto escalão do Estado e com bancos. Não poderia ser diferente. Afinal, os bancos são o destino de grande parte da renda do tráfico. Segundo a ONU, a lavagem de dinheiro equivale a 2,7% do PIB mundial, ou seja, US$ 1,6 trilhão.

Em 2012, uma comissão do Senado dos Estados Unidos emitiu um relatório com detalhes de operações de lavagem de dinheiro pelo HSBC para os cartéis de drogas Sinaloa, do México, e Norte del Valle, da Colômbia. O Banco estadunidense Wachovia lavou, durante anos, mais de US$ 378 bilhões do tráfico de drogas.

Sobre as relações com o Estado, basta lembrar a apreensão do helicóptero do senador Zeze Perrella (PTB-MG) com 450 quilos de pasta base cocaína em 2013. Ou, ainda, da poderosa ramificação do crime organizado com governos, juízes e polícia, como demonstrou a Operação Calabar, que prendeu 49 PMs do Rio de Janeiro.

UM DEBATE NECESSÁRIO

Legalização das drogas para acabar com o tráfico

A política da descriminalização e legalização das drogas não tem nada a ver com o incentivo do uso de substâncias. Seria, na verdade, um duro golpe no tráfico de drogas, porque atacaria bancos, políticos corruptos e empresários que lucram muito com isso. Também salvaria a vida dos milhares que morrem pela violência decorrente do tráfico.

Nos anos 1920 e 1930, bebidas alcoólicas foram proibidas nos EUA. Foi quando explodiu a criminalidade, e grandes grupos mafiosos, como o chefiado por Al Capone, dominaram o tráfico de bebidas. O fim da lei seca acabou com boa parte desses grupos e pôs fim às chacinas e à explosão de violência da máfia.

Defendemos a legalização das drogas com o controle do Estado sobre a produção, a distribuição e o consumo. Essas medidas impediriam as drogas de continuarem sendo um negócio capitalista que dá lucro a um punhado de empresários. Também seria um meio para atenuar os danos do consumo de entorpecentes e reduzir a violência, acabando com o tráfico.

Não acreditamos que isso vá gerar um aumento no consumo, como já está provado por diversos países que estão experimentando leis assim. Acreditamos que a legalização deve vir acompanhada por uma forte campanha de conscientização da população sobre os riscos e danos que as drogas podem causar. Esse novo modo de abordar a questão possibilitaria que o Estado fizesse o acompanhamento dos usuários, controlasse a qualidade e a quantidade da droga e também o tratamento dos dependentes químicos como caso de saúde pública, e não de polícia.

A guerra às drogas foi implementada há anos e só aumentou a violência e a letalidade. A legalização deve ser acompanhada pela mudança na política de segurança, com o fim da Polícia Militar e com o controle dos trabalhadores sobre as polícias. O objetivo é pôr fim ao genocídio da juventude pobre e negra promovido pela PM no Brasil.

PAPELÃO

Para derrubar Temer, podíamos usar munição pesada junto com flechadas!

MARIÚCHA FONTANA,
DA REDAÇÃO

Temer tem apenas 7% de aprovação. Não tem sustentação popular quase nenhuma. Mas ainda tem o apoio de boa parte dos banqueiros e de grandes empresários, além desse Congresso corrupto. Preferem mantê-lo para impor goela abaixo dos trabalhadores e da maioria do povo as reformas da Previdência e trabalhista.

Outra parte dessa gente de cima pensa em pular do barco, porque acha que Temer está muito fraco para continuar governando. Essa parte não sabe quem colocar no lugar. Por isso, ele vai ficando enquanto ninguém derrubar.

Banqueiros, empresários e corruptos são uma ínfima minoria. Tudo bem que essa minoria controla a economia, os políticos, o Judiciário e as Forças Armadas. Afinal, no sistema capitalista e na democracia dos ricos, o poder econômico é quem manda. Mesmo assim, se os de baixo se unirem, derrubam os de cima. Esse governo fraco aí, então, podemos derrubar com certeza!

A enorme maioria da classe trabalhadora e do povo está também contra as reformas: 71% contra a da Previdência e 61% contra a trabalhista conforme pesquisas. Está todo mundo indignado, e disposição de luta não falta. Não por outro motivo, no dia 28 de abril fizemos a maior Greve Geral da história do país. Mesmo o dia 30 de junho, apesar das cúpulas das maiores centrais terem puxado o tapete da mobilização, houve um forte dia de paralisações e manifestações, chegando a existir praticamente uma greve geral em alguns estados.

DERRUBAR O ACORDÃO

Bambus, flechas e canhões

Temer está na corda bamba desde a Greve Geral do dia 28 de abril e da conversa gravada com um dos donos da JBS (Friboi). O Judiciário, que posava de ético, foi desmascarado quando o TSE absolveu Temer. Mas a coisa ficou ainda pior. No dia 30 de junho, Marco Aurélio Mello, ministro do STF, não apenas negou o pedido de prisão de Aécio Neves (PSDB) como votou pela sua volta ao Senado. Ainda declarou que o senador tinha *"uma carreira elogiável"*. Fachin, outro ministro do STF, liberou da prisão Rocha Loures, o homem da mala pego em flagrante pela Polícia Federal.

Junto com a puxada de tapete das cúpulas das centrais na greve geral de 30 de junho, isso tudo foi comemorado como pontos favoráveis pelo governo. Afinal, para continuar pendurado por um ou dois fios e não cair, ele precisa ter bons resultados na operação salva-corruptos e aprovar pelo menos a reforma trabalhista para manter o apoio majoritário dos capitalistas.

Todos começaram a ver também que o PT está dando uma mão para Temer na operação salva-corruptos. Em entrevista, Lula declarou: *"Se o procurador-geral da República tem denúncia contra o presidente, tem que provar. Se ele for culpado, tem que ser julgado. Mas se o procurador-geral da República não estiver falando a verdade, tem que passar por punição"*.

> O Judiciário, que posava de ético, foi desmascarado quando o TSE absolveu Temer, e ficou pior no dia 30, quando Marco Aurélio, do STF, não apenas negou o pedido de prisão de Aécio Neves (PSDB), como votou pela sua volta ao Senado.

CONFUSÃO NO GOVERNO

Como o governo é fraco, e a crise é grande, eles continuam batendo cabeça. Temer precisa de 172 votos na Câmara para impedir a votação da denúncia de corrupção feita pela Procuradoria Geral da República antes do recesso, em 18 de julho. Se a Câmara aceitar a denúncia, Temer será afastado por 180 dias para ser julgado no STF.

Já no Senado, querem votar a reforma trabalhista na semana de 10 a 14 de julho para mostrar força aos empresários e banqueiros. Mas Rodrigo Janot, da PGR, disse que *"enquanto houver bambu, haverá flechas"*, indicando mais denúncias por aí. Logo depois, Geddel Vieira Lima, ex-ministro e amigo de Temer, foi preso por obstrução de Justiça. Uma nova flechada contra Temer. Por outro lado, o acordo de Temer com Paulinho da Força para trocar a reforma pela manutenção do imposto sindical parece estar dando crise na base governista.

Talvez só flechadas não sejam suficientes para o governo cair, pois tem um acordão dissimulado de cúpulas segurando as ondas que possam botar fora governo e reformas.

Temer, um dos presidentes mais impopulares da história, só se mantém com o apoio da burguesia

A Greve Geral e as panelas

Setores petistas e da Frente Ampla Nacional pelas Diretas (Frente Brasil Popular e Frente Povo sem Medo) reclamam que as panelas não batem contra Temer. Acontece que a maioria dos que bateram panelas e foram às ruas contra Dilma não apoiavam Temer ou as reformas. Os milhões que foram às ruas de verde e amarelo não podem ser confundidos com o PSDB e seus grupos satélites, MBL e Vem pra Rua. Mobilizar-se para botar para fora Temer e as reformas não é sinônimo de ser a favor do "volta Dilma" ou "volta Lula".

Só o que pôde desbloquear e unir, na ação, a classe operária e trabalhadora e os setores médios foi a Greve Geral de 28 de abril e as manifestações do dia 15 de março. Justamente porque não eram protestos pelo "Lula 2018" nem as manifestações do MBL a favor das reformas. Esses protestos mostraram o caminho. Uma greve geral com manifestações é uma munição muito mais forte que meras flechas.

30 DE JUNHO

Importantes categorias pararam no país apesar do boicote das cúpulas das principais centrais

DA REDAÇÃO

No dia 30 de junho, o país viveu um forte dia de mobilizações e greves em importantes categorias da classe trabalhadora. Setores como petroleiros, bancários, correios e professores pararam em praticamente todo o país. Metalúrgicos cruzaram os braços em várias regiões, assim como os trabalhadores dos transportes (veja o quadro geral do dia nas próximas páginas). Em todo o Brasil, ocorreram manifestações e bloqueio de estradas.

Mais uma vez, grande parte da imprensa não economizou esforços em minimizar o dia 30. Mas não só. As próprias cúpulas das principais centrais sindicais, além de puxarem o tapete da mobilização, reduziram o peso do que foi esse dia e ainda culparam os próprios trabalhadores. O presidente da UGT, Ricardo Patah, disse que não foi possível repetir o dia 28 de abril, pois *"não tivemos capacidade de conscientizar adequadamente os trabalhadores"*. O dirigente do MTST, Guilherme Boulos, por sua vez, responsabilizou o medo das demissões.

Metalúrgicos em São José dos Campos (SP)

A verdade, porém, é que o 30 de junho foi um grande dia de lutas e paralisações, e só não superou o 28 de abril porque as cúpulas das principais centrais sindicais frearam e desmontaram a greve. Disposição dos trabalhadores de parar havia e muita, como em São José dos Campos (SP), onde os metalúrgicos atenderam ao chamado do sindicato e da CSP-Conlutas e pararam a produção, sendo seguidos por várias categorias e impondo, na prática, uma greve geral na região. Mesmo os metroviários de São Paulo, multados e ameaçados na última Greve Geral, aprovaram o indicativo de greve e só não reafirmaram a paralisação por conta da vacilação das outras centrais.

Por mais forte que tenha sido, ao contrário do que dizem a imprensa e as direções das principais centrais, contudo, o 30 de junho não foi uma greve geral como o 28 de abril. Isso, também ao contrário do que dizem as centrais, não por falta de disposição dos trabalhadores, mas por uma ação de desmonte realizadas pelas cúpulas de centrais como Força Sindical, UGT e a própria CUT.

VERGONHA

Operação desmonte em favor de Temer

As direções das grandes centrais sindicais passaram do corpo mole na preparação do dia 30 ao boicote aberto quando a data se aproximava. No dia 14 de junho, fizeram uma reunião, em que a CSP-Conlutas não foi chamada, para definir o material de convocação do 30 de junho. Nos panfletos que mandaram para a gráfica, a Greve Geral simplesmente sumiu e virou um "Junho de Lutas contra as Reformas".

A manobra ocorria ao mesmo tempo em que as direções da UGT e da Força Sindical se reuniam com o governo Temer para negociar pontos da reforma trabalhista. A ideia era trocar o fim do imposto sindical pela blindagem do governo e o recuo da greve. Algo que foi reforçado com uma nota da imprensa noticiando que a Força e a UGT tinham desistido da Greve Geral a mando de Temer.

A gritaria foi generalizada. Pressionados pela sua própria base e pela CSP-Conlutas, a UGT desmentiu a nota e disse que continuava pela greve. Essa pressão impediu que se desmontasse a Greve Geral numa reunião realizada pelas centrais no dia 23, uma semana antes do 30. Ao fim da reunião, a nota unitária que saiu dizia: *"Vamos parar o Brasil contra a reforma trabalhista, em defesa dos direitos e da aposentadoria"*, chamado igual ao que foi feito em 28 de abril.

Às vésperas, do dia 30, porém, passaram da hesitação ao boicote aberto. Na semana em que Temer foi denunciado no STF por corrupção e que a reforma trabalhista passava no Senado, as direções saíram dando declarações à imprensa desmarcando a greve. No ABC, por exemplo, o sindicato dos metalúrgicos, ligado à CUT, que chamava greve geral até dois dias antes, na hora H, convocou só um ato.

Paulinho da Força

Com isso, as cúpulas das centrais se integraram ao acordão costurado em cima pelo STF, por Temer, pelo PSDB, com a participação de Lula e do PT, a fim de salvar os corruptos e o governo. Eles seguram a crise lá em cima, enquanto as centrais, como Força Sindical, UGT e CUT, freiam o movimento por baixo. Força e UGT, em troca do imposto sindical. A CUT, para canalizar a mobilização a favor da campanha Lula 2018. Enquanto as direções dessas centrais boicotavam a greve, o STF mandava Aécio Neves de volta ao Senado e soltava o ex-deputado Rocha Loures, o "homem da mala".

O fato de que, mesmo com essa operação desmonte, o dia 30 tenha sido forte mostra disposição de luta dos trabalhadores e sua capacidade de avançar ainda mais em ação, organização e consciência. É preciso, agora, tirar lições disso, fazer avançar a organização pela base e acumular forças para passar por cima das direções que não cumprem seu dever.

30 DE JUNHO

Protestos e paralisações a

DA REDAÇÃO

As paralisações e protestos contra as reformas trabalhista e da Previdência do governo Temer começaram já na madrugada do dia 30. Setores de peso da classe, como metalúrgicos, petroleiros e bancários pararam nacionalmente e, junto a outras categorias e ao movimento popular, foram às ruas.

"Essas manifestações e paralisações que ocorreram nesse dia 30 são uma demonstração da disposição de luta da classe trabalhadora, tivemos greve de metalúrgicos, da construção civil, funcionalismo público federal, municipal", afirmou Luiz Carlos Prates, o Mancha, da direção da CSP-Conlutas.

Apesar do desmonte das cúpulas das centrais, em regiões como Vale do Paraíba (SP), Belém (PA), Recife (PE), Sergipe e Porto Alegre (RS), o clima foi de Greve Geral. *"Essa luta continua, é preciso fazer uma greve geral para derrubar as reformas e colocar pra fora Temer e todos os corruptos"*, completou Mancha.

Belém (PA)

Zona sul de São Paulo (SP)

Repressão em Porto Alegre (RS)

São José dos Campos (SP)

LUTAR NÃO É CRIME

Repressão e prisões

Mais uma vez, o 30 de junho foi marcado pela ação repressiva da polícia. Em Porto Alegre (RS), a Brigada Militar reprimiu violentamente um piquete na empresa de ônibus Carris, detendo 20 manifestantes. O dirigente da CSP-Conlutas, Altemir Cozer, só foi libertado no dia seguinte e chegou a ser levado ao presídio.

Em São José dos Campos (SP), um grupo de 20 ativistas foi detido logo após o ato unificado que ocorreu no centro da cidade. Mais cedo, a Guarda Municipal havia reprimido um piquete na empresa de ônibus Maringá, com cassetetes e spray de pimenta.

XÔ, NEGOCIAÇÃO!

Querem aprovar a reforma trabalhista no Senado a toque de caixa

Enquanto fechávamos essa edição, o Senado votava o regime de urgência da reforma trabalhista. O governo previa a votação em plenário até o dia 11 de julho. Essa reforma altera em mais de 100 pontos a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) e representa um duro golpe em direitos históricos dos trabalhadores.

As cúpulas das grandes centrais, como Força Sindical e UGT, apostam nas negociações com o governo para alterar alguns pontos do projeto via Medida Provisória de Temer, isso depois de sua aprovação. Eles estão preocupados com o fim do famigerado imposto sindical. Por isso, recuaram na Greve Geral do dia 30, atendendo a pedidos do governo, que promete manter o imposto, substituí-lo por outro ou estabelecer uma mudança gradual.

A CSP-Conlutas, além de denunciar qualquer negociação com o governo, seja pela reforma trabalhista, seja da Previdência, defendendo a greve e a ação direta a fim de derrubar esses ataques, é contra o imposto sindical obrigatório. Os trabalhadores devem voluntariamente contribuir e sustentar financeiramente suas entidades sindicais.

É preciso denunciar qualquer tipo de negociação com esse governo corrupto e chamar a mobilização para enterrar a reforma. As centrais precisam abandonar as negociações e chamar o povo a ocupar o Senado e não deixar que seja votada.

atingem todos os estados

CONFIRA OS ATOS

Em todo o país

Pararam petroleiros, servidores públicos federais, professores, trabalhadores dos Correios e bancário

TRANSPORTES

Rodoviários pararam totalmente em Brasília, Salvador, Belém, Recife e Goiânia. Metrô parou 100% no DF, em Belo Horizonte e no início da manhã em Porto Alegre.

Em Porto Alegre, sete garagens de ônibus foram bloqueadas pela manhã, mas a violenta repressão da Brigada Militar impediu a paralisação no resto do dia (leia o box sobre a repressão).

Em Florianópolis, os rodoviários paralisaram nas primeiras horas do dia.

Em São José dos Campos e Jacareí, interior de São Paulo, houve atraso e operação tartaruga.

Em Sorocaba (SP), os ônibus pararam pela manhã.

METALÚRGICOS

Metalúrgicos cruzaram os braços em São José dos Campos e Jacareí. Na região também pararam químicos e trabalhadores da alimentação. Operários metalúrgicos da Zona Sul de São Paulo de pelo menos 14 fábricas também paralisaram. Houve protestos também em outras fábricas da capital paulista, como na Lorenzetti, no bairro da Mooca, Zona Leste.

No interior de Minas Gerais, São João Del Rei, os metalúrgicos e trabalhadores da mineração cruzaram os braços e trancaram a BR 265. Em outras fábricas, como AMG e Granha Ligas, houve atraso de 2h30 na entrada. Houve protestos de metalúrgicos e outros setores em Divinópolis e Itajubá.

Em Curitiba (PR), metalúrgicos atrasaram os turnos em importantes fábricas da Grande Curitiba, como na Bosch, CNH, WHB e Volvo da capital, Brafer em Araucária e Renault e PIC da Audi, em São José dos Pinhais.

Em Sorocaba, 60% dos metalúrgicos paralisaram. A montadora Toyota ficou parada. Os químicos da região também pararam.

Em Campinas (SP), cerca de 3 mil trabalhadores da Flextronics paralisaram a entrada no trabalho em uma hora. Ainda na cidade, químicos do Complexo Rhodia (Solvay, Basf, Bayer, Air Liquide, Merial e Tereftalicos) atrasaram a entrada em 4 horas.

Em Limeira (SP), os metalúrgicos cruzaram o braço durante todo o dia.

CONSTRUÇÃO CIVIL

Operários da Construção Civil paralisaram as atividades e foram às ruas em Fortaleza (CE) e Belém (PA), atendendo ao chamado dos sindicatos filiados à CSP-Conlutas.

PORTOS

Estivadores do Porto de Santos cruzaram os braços durante todo o dia 30 e também dia 31, numa greve de 48h.

PROTESTOS

Em São Paulo, um protesto na Zona Sul da cidade reuniu metalúrgicos e o movimento popular. À tarde, a CSP-Conlutas e outros setores promoveram um ato na Av. Paulista. Ocorreram protestos ainda em vários pontos da cidade, como na Zona Oeste envolvendo estudantes e trabalhadores da USP, além do movimento popular.

No ABC Paulista manifestantes trancaram pela manhã a rodovia Anchieta, onde fica a fábrica da Volkswagen.

No Rio de Janeiro, houve um ato público unificado que se concentrou na praça da Calendária e ocupou a Avenida Rio Branco, marchando até a Cinelândia. Durante todo o dia houve mobilizações pela cidade, como o de portuários.

Na capital do Pará, Belém, os operários da Construção Civil realizaram um ato na principal avenida da cidade, Almirante Barroso.

Fortaleza (CE) teve um grande ato que unificou operários da Construção Civil paralisados e rodoviários, além de outras categorias, no centro da cidade.

Em Sergipe, petroleiros, cimenteiros, rodoviários, servidores públicos, movimentos de desempregados e por moradia, além da CSP-Conlutas, fecharam vários pontos de acesso à capital.

Em Brasília (DF) houve corte de avenidas e rodovias

Em Manaus (AM), o movimento popular teve importante participação, com o Movimento Luta Popular, indígenas, haitianos e mulheres. A manifestação unificada foi engrossada por técnicos e docentes do Infens, base do Sinasefe.

Em Niteroi (RJ), trabalhadores e estudantes fizeram ato em frente à estação Arariboia, no terminal das barcas em Niterói.

Em Natal (RN), as mulheres se organizaram e fecharam o cruzamento da avenida Bernardo Vieira e Coronel Estêvão. Bernardo Vieira é uma das principais vias da cidade para a zona norte de Natal. Importantes categorias de tvcrabalhadores pararam suas atividades e milhares de pessoas ocuparam a Av. Salgado Filho.

ABAIXO AS REFORMAS! FORA TODOS ELES!

Avançar a organização da classe operária e do povo pobre

O dia 30 de junho provou a enorme disposição de luta da classe trabalhadora. Mesmo com a ação de desmonte da cúpula das principais centrais, houve paralisações de setores de peso e protestos em todo o país. Ou seja, a classe trabalhadora não só não está derrotada como pode muito bem derrotar as reformas e botar para fora esse governo e esse Congresso Nacional.

"Não houve uma greve geral porque as lideranças das principais centrais viraram as costas para os trabalhadores para negociarem as condições da aprovação da reforma trabalhista", disse o presidente nacional do PSTU, Zé Maria. *"Uma parte negocia o imposto sindical lá com o governo e o Congresso, outra parte está envolvida com a campanha lançada pela direção do PT que visa transformar esse processo de mobilização numa campanha para eleger Lula em 2018"*, completou.

Para derrotar essas direções, é preciso que a organização da classe trabalhadora pela base avance. Construir e fortalecer os comitês de luta contra as reformas, que unifique os operários, os trabalhadores e o povo pobre das periferias. *"Precisamos avançar a nossa organização, não só para superar essas direções que estão do lado de lá, impor uma nova greve geral e derrotar as reformas, mas para tirar esse Congresso e esse governo e criar as condições para que os trabalhadores tomem em suas mãos os destinos desse país"*, afirmou Zé.

Só com a própria organização dos trabalhadores e do povo pobre será possível enterrar de vez as reformas trabalhista e previdenciária e revogar as terceirizações. Tirar esse governo e esse Congresso cheio de corruptos e impor um programa dos trabalhadores para que os ricos paguem pela crise. Por fim, que os trabalhadores governem, num governo socialista dos trabalhadores, apoiado em conselhos populares.

PLANO DE EMERGÊNCIA DA FRENTE BRASIL POPULAR

Nada de novo sob o sol

A Frente Brasil Popular (FBP) lançou um plano de emergência para a crise que o país vive. No entanto, as medidas apresentadas apenas reformariam o capitalismo e não acabariam com esse sistema de exploração.

BERNARDO CERDEIRA, DE SÃO PAULO

A Frente Brasil Popular (FBP), formada por PT, PCdoB e movimentos sociais como CUT, MST, UNE e outros, apresentou o Plano Popular de Emergência para a situação atual do país.

A FBP, bem como outras iniciativas como a Frente Povo Sem Medo, formada por MTST, PSOL, Intersindical e outras organizações, são alianças entre partidos de esquerda e movimentos sociais. Em sua origem, organizaram-se para lutar contra o impeachment de Dilma que, segundo essas mesmas forças, teria sido um golpe parlamentar, jurídico e midiático.

Também surgiram para tentar dar uma nova cara ao PT, que saiu tremendamente desgastado da crise do governo Dilma e do processo de impeachment, mas que continua sendo o eixo em torno do qual giram essas forças.

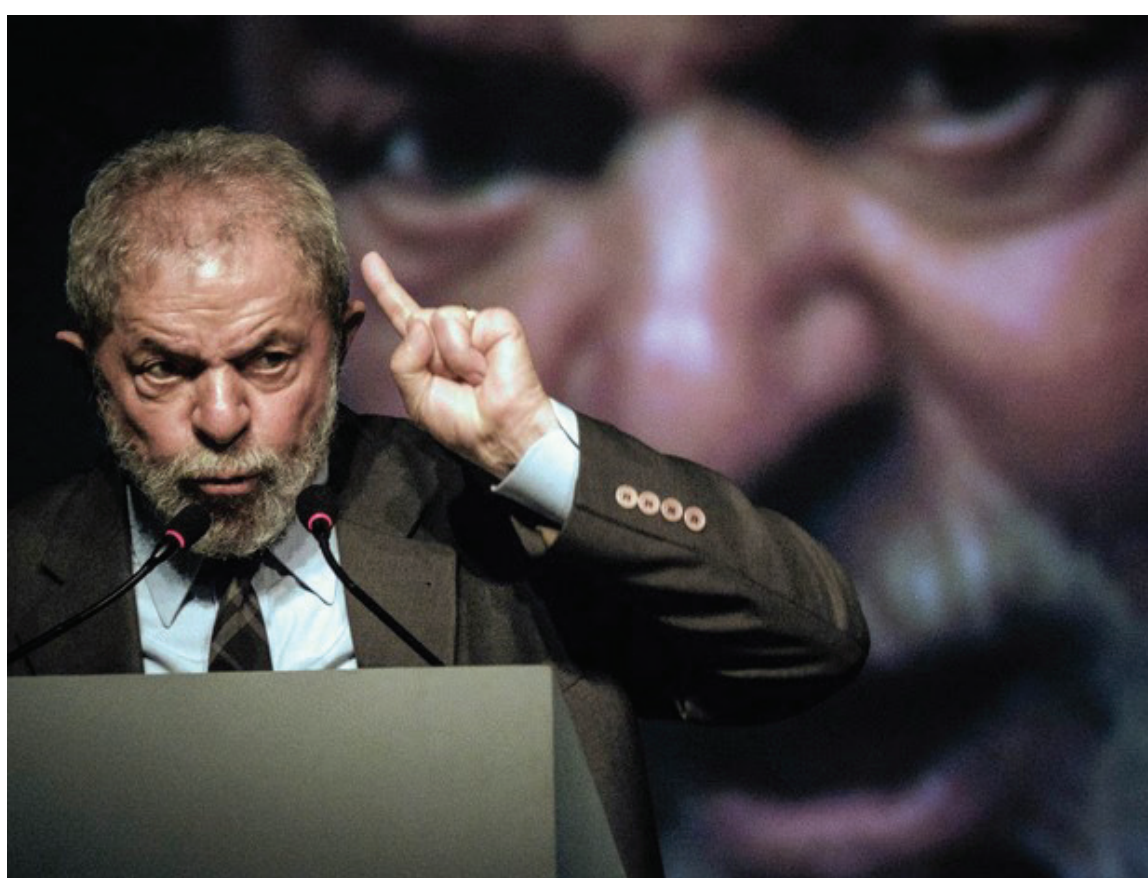
Agora, diante do repúdio popular às medidas reacionárias do governo Temer e da enorme impopularidade do governo, essas Frentes começam a discutir os rumos do país e as diversas saídas possíveis.

JÁ VIMOS ESTE FILME

Um novo governo Lula não é solução, é um beco sem saída

O Plano Popular de Emergência da FBP, em sua introdução, define explicitamente o objetivo central do documento: *"A pré-condição das medidas aqui listadas é o fim do governo usurpador, originário do golpe que derrubou a presidenta Dilma Rousseff"*. Aparentemente, o objetivo seria o de derrubar Temer, algo com o que todos concordariam.

No entanto, na mesma frase, o texto explica que isso deveria ter como consequência *"a eleição direta de um novo chefe de Estado e o estabelecimento de um governo oriundo das forças políticas e sociais progressistas e democráticas"*. Em seguida, explica que o Plano reúne *"medidas a serem imediatamente implementadas ou encaminhadas por um novo governo, escolhido soberanamente pelo voto popular"*. Como seria eleito esse novo governo? Segundo o plano: *"A saída democrática que propomos tem como pressuposto a antecipação das eleições presidenciais para 2017"*.

A estratégia da FBP é clara: *"um governo oriundo das forças políticas e sociais progressistas e democráticas"*, é outro nome

dos governos de Lula e Dilma, alianças entre o PT e partidos que não tinham nem um átomo progressista e democrático, tais como PMDB, PP e PSD.

Portanto, a estratégia de um governo desse tipo não é nada mais, nada menos que um novo governo Lula. A campanha por "Diretas Já" tem o objetivo evidente de pavimentar a campanha eleitoral de Lula em 2018 ou mesmo antes, se a crise do governo Temer o tornar insustentável.

O problema é que os trabalhadores já tiveram a experiência com governos como esse durante mais de 13 anos. Pode ser, inclusive, que uma maioria opte por votar em Lula por falta de alternativas depois de anos de crise econômica e do descalabro do governo Temer. Mas nós, socialistas, temos a obrigação de alertar e explicar que a saída proposta pelo PT e por essas forças leva ao mesmo beco sem saída do fim do governo Dilma e termina em governos como o de Temer que, aliás, foi colocado em sua posição de vice-presidente por Lula e pelo PT.

UM PROGRAMA DE CAPITALISMO "HUMANITÁRIO"

Antes de analisar as medidas do plano da FBP é preciso fazer um alerta. Aparentemente, é mais à esquerda que o programa tradicional de Lula e Dilma quando governaram. Por exemplo, defende medidas como a redução da jornada máxima de trabalho para 40 horas semanais, visando aumentar a geração de empregos. Porém isso se explica porque esse é um programa que visa agrupar os movimentos sociais e ganhar apoio eleitoral. Para isso, precisa acenar com bandeiras mais à esquerda, mesmo que não rompam com o capitalismo.

Governar, no entanto, é outra coisa. Lula, em seu discurso no congresso do PT, já avisou que o programa deve ter "medidas factíveis" para agrupar aliados "progressistas", isto é, empresários e partidos burgueses.

O programa da FBP estabelece seus limites dentro do

sistema capitalista. Afirma que são *"propostas para restabelecer a ordem constitucional democrática, defender a soberania nacional, enfrentar a crise econômica, reverter o desmonte do Estado e salvar as conquistas históricas do povo trabalhador"*.

No entanto, a *"ordem constitucional democrática"* é esse sistema político vigente, corrupto até os ossos, em que partidos políticos, juízes e empresários manipulam as eleições, as leis que os interessam e enriquecem com dinheiro público. O próprio PT se envolveu até o pescoço na corrupção durante os 13 anos em que governou.

Da mesma forma, durante os governos do PT, teve início a crise econômica, aprofundou-se o modelo econômico dependente do imperialismo e as privatizações, começaram os ataques ao seguro-desemprego e ao abono do PIS e foram elaborados os planos para a reforma da Previdência

Mas, segundo o Plano, as medidas seriam um primeiro passo para criar uma *"conexão com as reformas estruturais necessárias para romper com o modelo de capitalismo dependente que tem produzido (...) o empobrecimento dos trabalhadores, especialmente das trabalhadoras e da população negra, injustiça social extrema, perda de independência e recessão econômica, ao mesmo tempo em que concentra renda, riqueza e propriedade nas mãos de um punhado de barões do capital"*. Isso quer dizer que males como a pobreza e a injustiça social seriam causados unicamente pelo capitalismo dependente e não por toda forma de capitalismo, não por esse sistema em si.

Por isso, o texto insiste que essas reformas estruturais buscariam *"implementar um projeto nacional de desenvolvimento que vise a fortalecer a economia nacional, o desenvolvimento autônomo e soberano, enfrentar a desigualdade de renda, de fortuna e de patrimônio"* e *"a recomposição do mercado interno de massas, da indústria nacional, da saúde financeira do Estado e da soberania nacional, um modelo social baseado no bem-estar e na democracia"*.

Ora, o capitalismo é um sistema que se baseia no lucro obtido pela exploração dos trabalhadores. Mais ainda, é um sistema mundial, em que países imperialistas exploram países pobres, subordinando-os aos seus interesses.

Lula, João Pedro Stédile (MST), Guilherme Boulos (MTST) e Rui Falcão (presidente do PT)

Não é possível que um país dependente como o nosso consiga sua plena independência nacional sem romper todos os laços e acordos políticos e econômicos que subordinam o Brasil ao imperialismo mundial. O plano da FBP sequer fala nisso.

Por outro lado, já vimos em que terminaram as tímidas medidas de distribuição de renda dos governos do PT. Não atacaram as raízes profundas da pobreza e da desigualdade nem defenderam os trabalhadores e a população mais pobre das consequências brutais da crise econômica. Os 14 milhões de desempregados, que somados aos que têm empregos precários já alcançam 23 milhões de trabalhadores, são a mostra mais evidente do fracasso da política de distribuição de renda dentro do sistema capitalista nacional e mundial.

MAIS DO MESMO

Programa não vai à raiz do problema

Por essa lógica, o plano propõe uma série de medidas que não atacam a especulação financeira, que está destruindo e endividando o país e provocando o déficit fiscal do Estado.

Por exemplo, propõe a *"criação de um Fundo Nacional de Desenvolvimento e Emprego, financiado pelo uso parcial das reservas internacionais, a queda das despesas financeiras e a reorganização do sistema nacional de impostos – que destine R$ 100 bilhões anuais para obras de infraestrutura, saneamento, habitação, renovação energética e mobilidade urbana"*.

É necessário um plano de obras públicas, mas o problema é como financiá-lo. Utilizar as reservas internacionais só empobrece o país e o torna mais vulnerável. Para resolver o problema de fato, seria necessário atacar de frente o problema da dívida pública, que está consumindo metade do orçamento do Estado, ou seja, os recursos do país, com juros extorsivos que geram lucros fabulosos para os bancos e empresas estrangeiras e nacionais.

O plano trata de *"auditoria e redução do serviço da dívida interna"*, mas sem a adoção de uma política em que o país deixe de pagar essa dívida, cujo montante já foi pago várias vezes, não há como superar a penúria dos trabalhadores. O plano de emergência nem cita isso.

Também propõe a *"suspensão e reversão das concessões e privatizações decididas* ***durante o governo usurpador,*** *incluindo a venda de ativos das empresas estatais e os leilões das áreas de pré-sal"*. Mas e as inumeráveis privatizações feitas durante os governos de Lula e Dilma? E a venda de ativos do pré-sal, como o Campo de Libra? E as que foram feitas antes, durante os governos de FHC e Collor e que o PT manteve e simplesmente tratou de administrar, como a Vale e o sistema elétrico? Essas são privatizações progressistas? As propostas encobrem uma política profundamente privatizadora e favorável aos capitalistas.

Na verdade, o plano de emergência da FBP proporciona duas leituras. Por um lado, acena com reformas no capitalismo que não libertam os trabalhadores da sua condição de escravos modernos e não resolvem seus problemas mais agudos, como o desemprego e a desigualdade social. Tentar adotar medidas que humanizem o capitalismo não só é impossível, porque vai contra a essência do sistema, como, na prática, é uma tentativa de fazer com que os trabalhadores aceitem a exploração sem se rebelar.

No fundo, é um programa que mantém as políticas mundiais do imperialismo, tais como as privatizações e a especulação do capital financeiro. Para isso, busca manter o Estado burguês e as alianças necessárias para isso, com empresários e partidos burgueses. Nada de novo, portanto, que não tenhamos visto nos 13 anos de governos do PT.

HISTÓRIA

100 anos da Greve

No mesmo ano em que os operários da Rússia estavam fazendo a sua revolução, a classe operária brasileira fazia a sua primeira grande demonstração de força no país.

JEFERSON CHOMA,
DA REDAÇÃO

A primeira Greve Geral no Brasil completa 100 em julho. A histórica greve começou em São Paulo e foi o primeiro passo da classe trabalhadora na luta pelos seus direitos.

Na época, a burguesia brasileira era formada por diversas oligarquias regionais, sendo que a burguesia paulista era a mais poderosa, que enriquecera com a exportação do café (o Brasil era o maior exportador do produto) e o processo ainda inicial da industrialização. Autoritária e conservadora, a burguesia defendia que o Estado não devia interferir nas relações entre patrões e empregados, o que justificava a ausência total de leis que protegessem o trabalhador.

As jornadas de trabalho eram de dez a 16 horas. Crianças e mulheres eram, muitas vezes, a maioria dentro das fábricas. Não havia salário mínimo, direito à aposentadoria, e as demissões podiam ser feitas a qualquer momento e sem justificativa. O direito a férias e à sindicalização era apenas um sonho distante.

Ao mesmo tempo, a repressão era brutal, e a burguesia tratava qualquer protesto contra a exploração como caso de polícia.

CLASSE OPERÁRIA: A PRIMEIRA GERAÇÃO

A classe operária estava concentrada, sobretudo, em São Paulo e Rio de Janeiro. A maioria era formada por imigrantes pobres vindos da Europa, uma vez que a burguesia brasileira fez a opção racista de não integrar a população negra, recém-libertada da escravidão, ao proletariado urbano.

Muitos desses imigrantes, especialmente italianos e espanhóis, traziam alguma experiência política e tradição sindical. A maioria era anarquista e já tinha participado de greves e organizado sindicatos. No Brasil, editaram jornais operários, fundaram clubes, escolas livres, bibliotecas, associações operárias e sindicatos. Também havia uns poucos socialistas. O primeiro congresso operário brasileiro, em 1906, no Rio de Janeiro, fundou a Confederação Operária Brasileira (COB).

Essa primeira geração do proletariado brasileiro era bastante combativa. Entre 1900 e 1920, fez 369 greves, sem contar as greves de 1917-1918. Todas as lutas eram travadas, sobretudo, contra a carestia e a inflação. A Primeira Guerra Mundial (1914-1919) fez com que o preço dos alimentos fosse às alturas. A burguesia brasileira aproveitou para lucrar, e todo alimento produzido aqui era vendido para os países em guerra. O resultado foi a falta de gêneros de consumo, enquanto uma altíssima inflação comia o salário miserável dos trabalhadores. Somava-se, ainda, a lamentável condição da vida urbana. O operariado morava em cortiços e habitações miseráveis, cujos alugueis não paravam de subir.

SÃO PAULO: O ESTOPIM DA GREVE DE 1917

Greves e agitações operárias explodiram em todo o país em 1917. Entre junho e julho, os jornais da época relatam deflagração de greves no Rio de Janeiro, Curitiba, Porto Alegre, Pelotas, Recife, Salvador e Mato Grosso. Todas elas eram ecos da primeira grande Greve Geral realizada em São Paulo no começo de junho.

O operariado de São Paulo era composto, na sua maioria, por estrangeiros, especialmente italianos e seus filhos, a maioria empregada nas fábricas têxteis concentradas nos bairros do Brás, Belenzinho e Mooca. Na fábrica Cotonofício Crespi, onde começou a greve, cerca de 75% dos operários e operárias eram imigrantes italianos. Boa parte dos empresários também tinham origem italiana. Como a Itália estava lutando na guerra, cada trabalhador italiano de fábricas de propriedade de outro italiano era obrigado a doar mensalmente uma parte do salário ao Comitê Italiano Pró-Pátria de São Paulo. Esse dinheiro era enviado para a Itália como contribuição ao esforço bélico. Naturalmente, a maioria dos operários não concordava com isso, pois já ganhavam salários miseráveis, e muitos não viam aquela guerra como sua.

Geral de 1917

Em 9 de junho, 400 operárias da Crespi entraram em greve pedindo o fim do aumento do horário noturno, ocorrido naqueles meses, o aumento de 15 a 20% no salário e a abolição da contribuição para o Comitê Italiano Pró-Pátria.

No dia 29 de junho, todos os 1.500 operários da fábrica cruzaram os braços. No dia seguinte, operários de outras empresas paralisaram suas atividades. Houve uma insurreição nos bairros operários. Em 7 de julho, foram registrados saques a carros que transportavam farinha na Mooca. Um posto policial no Brás foi tomado por manifestantes. O governo enviou tropas de infantaria e cavalaria ao bairro.

Para coordenar o movimento, foi criado, no dia 9, o Comitê de Defesa Proletária, que formulou uma pauta com 11 reivindicações (leia ao lado). Nesse mesmo dia, manifestantes pararam um veículo em frente à fábrica da cervejaria Antarctica, na Mooca. Barris de cerveja foram quebrados, e a cavalaria surgiu para dispersar os manifestantes. Naquele momento, várias pessoas caíram feridas. Entre elas, o operário espanhol Martinez, de 21 anos, baleado no estômago. Ele morreu horas depois. A notícia da morte foi um rastilho de pólvora que fez a greve se radicalizar e tomar conta de toda a cidade.

O enterro de Martinez foi uma das maiores manifestações públicas vistas em São Paulo até então. No cortejo, *"um silêncio impressionante, que assumiu o aspecto de uma advertência"* – explica um jornal da época – *"foram percorridas as principais ruas do centro. Debalde a Polícia cercava os encontros de ruas. A multidão ia rompendo todos os cordões, prosseguindo sua impetuosa marcha até o cemitério. À beira da sepultura, revezaram os oradores em indignadas manifestações de repulsa à reação"*.

Outras categorias aderiram à greve. Até proprietários de carroças e caminhões cruzaram os braços. Alguns bondes tentaram circular, mas foram depredados ou tomados pelos grevistas. *"O dia de hontem, em toda a cidade, foi de franca anarchia"*, descreve O Estado de S.Paulo, jornal tradicional da burguesia paulistana, sobre os protestos do dia 13. Até esse dia, 90 estabelecimentos estavam parados, e os grevistas somavam quase 44 mil trabalhadores segundo o Comitê de Defesa Proletária.

O QUE QUERIAM

As reivindicações dos operários

- Liberdade para todas as pessoas detidas por motivo de greve
- Respeito ao direito de associação para os trabalhadores
- Que nenhum operário fosse dispensado por ter participado da greve
- Abolição do trabalho de menores de 14 anos em fábricas, oficinas etc.
- Que os trabalhadores menores de 18 anos não fossem colocados em trabalhos noturnos;
- Abolição do trabalho noturno das mulheres
- Aumento de 35% nos salários inferiores a $5.000 réis (moeda da época) e de 25% para os mais elevados
- Que o pagamento dos salários fosse efetuado pontualmente a cada 15 dias e, o mais tardar, cinco dias após o vencimento
- Que fosse garantido aos operários trabalho permanente;
- Jornada de oito horas e semana inglesa [segunda a sexta-feira e quatro horas nas manhãs de sábado].
- Aumento de 50% em todo o trabalho extraordinário.

Funeral de José Martinez em direção ao cemitério do Araçá no dia 11 de julho de 1917

BRASIL

A greve ganha o país

A greve em São Paulo terminou no dia 15, após a assinatura de um acordo que reconhecia o direito de reunião, aumentos salariais, a libertação dos grevistas presos e a proibição de demissões.

A burguesia, porém, não demorou para reprimir os líderes do movimento. Muitos sindicatos e jornais operários foram fechados. Com a entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial, em agosto de 1917, o governo aproveitou para decretar estado de sítio e extraditar centenas de lideranças sindicais de origem europeia. Essas extradições, feitas em nome de uma suposta cruzada contra os inimigos da pátria, golpeou profundamente as organizações anarquistas. Apesar de o Brasil não disparar um único tiro no conflito, a guerra foi a desculpa perfeita para a repressão.

A luta operária, no entanto, continuou. A greve alcançou outras partes do Brasil. Ferroviários deram início à greve em Porto Alegre e Pelotas. Operários sapateiros iniciaram uma longa paralisação em Curitiba. No Rio de Janeiro, entre 1917 e 1920, foram realizadas 67 greves. Em novembro de 1918, sindicatos anarquistas tentaram realizar uma insurreição para derrubar o governo central na então capital do país. Em São Paulo, a luta operária também continuou. Em 1919, foram registradas 64 greves. Em 1920, ocorreram outras 37.

PERSPECTIVA

O primeiro passo de uma longa jornada

A greve de 1917 abriu um ascenso da classe operária até 1920. Nesse período, houve o maior número de greves do Brasil até aquele momento. Os sindicatos surgiram e se fortaleceram, assim como a imprensa operária. Também embalou sonhos e a esperança de uma transformação revolucionária da sociedade. Esse sentimento aprofundou-se ainda mais quando o proletariado brasileiro soube que, na distante Rússia, a classe operária tinha feito uma revolução e tomado o poder.

A Greve Geral também marcou o início do fim do anarquismo no movimento operário brasileiro. A repressão policial desarticulou o movimento, e eles tinham seus próprios limites. Sua estratégia limitava-se a lutas por reivindicações imediatas e econômicas. Para os anarquistas, o ator principal da revolução eram as grandes massas exploradas, e não a classe operária, que espontaneamente iam adquirir consciência política e pôr fim à exploração. Esse foi o caminho percorrido pela ingênua e fracassada insurreição de novembro de 1918.

Os anarquistas não resistiram à crescente influência das ideias da Revolução Russa. Em 1922, foi fundado o Partido Comunista por antigos líderes anarquistas. Assim começou outra fase da história da classe operária brasileira.

Em tempos de reformas trabalhista e previdenciária, estudar a primeira Greve Geral brasileira e as condições de vida da classe operária da época é uma tarefa indispenssável.

HERMANOS

Argentina em pé de guerra contra Macri

MARCOS MARGARIDO, DE CAMPINAS (SP)

Oito anos depois de Cristina Kirchner governar a Argentina, Mauricio Macri foi eleito em dezembro de 2015. O novo presidente milionário disse que traria crescimento econômico e fim da corrupção. O que se pode dizer depois de 18 meses de governo? É o que vamos tentar responder aqui.

Uma de suas primeiras ações foi renegociar a dívida externa, submetendo-se às imposições dos especuladores internacionais, para conseguir novos empréstimos. Assim, emitiu títulos do tesouro, no valor de US$ 2,75 bilhões, com prazo de 100 anos para pagar. Isto é, os especuladores compram esses títulos, e o governo se compromete a pagar juros de 7,12% ao ano durante esse período. Esse empréstimo vai endividar várias gerações do povo argentino para enriquecer os banqueiros internacionais.

Ao mesmo tempo, desvalorizou a moeda argentina, o peso, que fez a inflação chegar a 41% em 2016 e, atualmente, a mais de 30%. Algumas taxas públicas, como do gás e da água tiveram aumentos de 300%. A eletricidade, de 148%. Isso se combina com um decreto de teto salarial que faz com que os reajustes salariais sejam menores que a inflação.

O resultado é que 30% da população está abaixo da linha de pobreza, ou seja, 8 milhões de argentinos não têm alimentação adequada. Entre esses, mais de 1,8 milhão (6%) é considerado indigente, vive em favelas ou é morador de rua.

E O CRESCIMENTO ECONÔMICO?

A Argentina passou de um Produto Interno Bruto (PIB) de 2,6% em 2015 para -2,3% em 2016 e entrou em recessão. Agora, o governo diz que o pior passou e que, em 2017, o país voltará a crescer. No entanto, já não engana ninguém, pois, mesmo que o PIB volte aos 2,2%, como está previsto, os ataques à população continuam.

> A indústria não consegue se recuperar. Fechou 2016 com uma queda de 4,5%. O único ramo que se salvou é o automobilístico, todos os demais (têxtil, petróleo, minérios, alimentício etc.) têm índices negativos.

A indústria não consegue se recuperar. Fechou 2016 com uma queda de 4,5%. Em 2017, o único ramo que se salvou até agora é o automobilístico, com um crescimento de 4,1% em maio. Todos os outros ramos (têxtil, petróleo, minérios, alimentício etc.) têm índices negativos.

O que está garantindo o pouco crescimento é a agricultura. Os produtos agrícolas têm isenção fiscal para exportação. Porém a produção de soja e trigo para exportação está aprofundando a vocação de país voltado à exportação de produtos primários.

É o que se chama de divisão internacional do trabalho. Países como a Argentina e o Brasil são destinados à produção de produtos primários. Outros, como a China e a Índia, à produção industrial de baixa tecnologia. E os países avançados, como os Estados Unidos e a Alemanha, detêm as indústrias de alta tecnologia, armamentista e nuclear.

O fracasso industrial faz o desemprego oficial chegar a 9,2%. Mas esse número é ainda maior, pois não se leva em conta os que vivem no mercado informal, como parte dos 8 milhões de pobres, ou aqueles que desistiram de procurar emprego.

Como em qualquer país capitalista, o progresso e o crescimento são conseguidos à custa do desemprego, dos baixos salários e da pobreza da população trabalhadora.

XÔ, PELEGOS!

A luta dos trabalhadores pelos seus direitos

Os partidos de oposição têm maioria no Congresso, e as centrais são ligadas aos peronistas. Mesmo assim, o governo aprova leis contra os interesses dos trabalhadores. O que existe, na verdade, é uma aliança de todos os partidos patronais, como o de Macri, o de Cristina Kirchner e os peronistas para atacar os direitos dos trabalhadores.

Os pelegos dos sindicatos apoiam os ataques ao aprovar acordos salariais rebaixados sem consultar a base, traírem greves e dividirem os trabalhadores, obrigando-os a lutar em cada fábrica sem uni-los numa luta única para derrubar o governo e seu plano econômico.

Mesmo assim, os trabalhadores enfrentam os patrões e o governo, fazendo tudo o que podem nessas condições adversas. Os professores fizeram uma greve nacional fortíssima em março desse ano e, em 6 de abril, ocorreu a primeira greve geral contra a política econômica do governo depois que, numa manifestação, os trabalhadores puseram os dirigentes sindicais para correr, pois se recusaram a marcar a data da greve geral.

Em 5 de junho, os condutores de ônibus de Córdoba fizeram uma greve sem o apoio do sindicato para exigir aumento salarial e readmissão de trabalhadores demitidos. Da mesma forma, os metalúrgicos da GM fizeram uma greve de vários dias contra demissões, e os petroleiros de Chubut vêm fazendo uma mobilização fortíssima contra o arrocho salarial.

Greve de condutores em Córdoba parou a cidade e deixou, por vários dias, a cidade sem transporte coletivo

Nessa luta, os pelegos também são castigados. Em muitas categorias, como os professores de Mendoza e os condutores de Córdoba, os pelegos perdem eleições ou são rechaçados pela base.

Isso vai deixando claro para os trabalhadores que os setores de oposição ligados aos patrões não são alternativa política contra o governo e que é necessário varrer a burocracia sindical dos sindicatos para construir uma alternativa operária, popular, democrática e pela base na luta pelo socialismo.

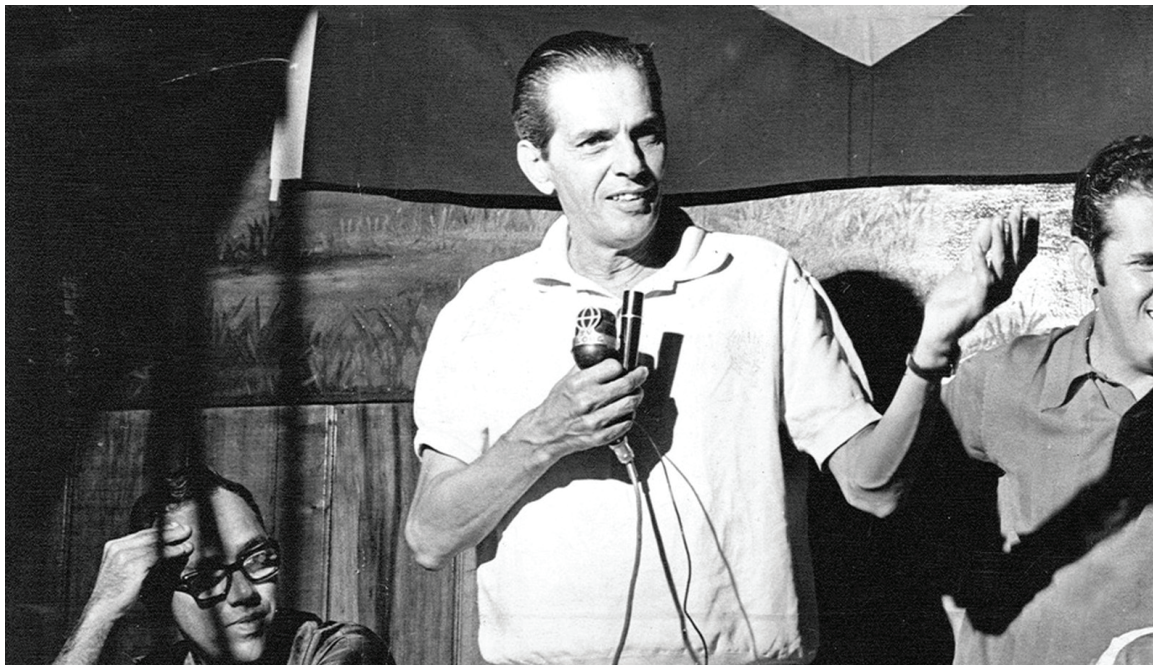
FUTEBOL

Os 100 anos de João Saldanha, o homem sem medo

ROMERITO PONTES,
DA REDAÇÃO

Em 3 de julho de 1917, na cidade de Alegrete (RS), nascia João Saldanha. Criado no Paraná, mas carioca de coração, Saldanha era torcedor ferrenho do Botafogo. Chegou inclusive a jogar nas categorias de base do clube, mas não vingou. Formou-se, então, primeiro em Direito e, depois, em Jornalismo.

Culto e perspicaz, era um grande analista de futebol. Em 1957, foi convidado para comandar o Botafogo. Estreou vencendo o Campeonato Carioca e permaneceu à frente do time por dois anos, quando regressou para a profissão de jornalista.

Passou por importantes veículos e logo se consagrou como comentarista. João sabia falar com o povo como ninguém. Sua voz ecoava nos radinhos de pilha ao pé do ouvido dos torcedores da geral.

Depis do golpe de 1964, tornou-se um crítico feroz do regime. João era comunista convicto e filiado ao PCB. Isso não impediu que, em 1969, fosse convidado para comandar a seleção.

Sob seu comando, foram convocados para a seleção os chamados feras, os craques da época. Pelé, Tostão, Piazza, Gerson, Edu, Rogério, Jairzinho e outros passaram a compor o time dos sonhos que, até hoje, ainda é cantado em nossas músicas. O resultado foram seis vitórias em seis jogos, além da classificação para a Copa de 1970 no México.

Quando Carlos Mariguella foi assassinado pela ditadura, aproveitou sua ida ao México para distribuir para a imprensa internacional um dossiê sobre centenas de milhares de presos políticos, torturas e assassinatos promovidos pela ditadura. Também chegou a responder ao general Médici, que insistia na convocação de Dadá Maravila. *"Ele escala o ministério, eu convoco a seleção"*. Duas semanas, depois foi demitido do cargo. A seleção foi assumida por Zagallo e, com as bases montada por Saldanha, foi tricampeã em 1970.

João era um homem de posições firmes e, às vezes, intransigente. Mais de uma vez, usou seu revólver para resolver discussões de futebol. Uma delas, inclusive, com o técnico do Flamengo na época. Por isso, foi apelidado por Neloson Rodrigues de João Sem Medo.

Ele também era um crítico voraz do chamado futebol moderno. Para ele, o talento do craque, o futebol-arte, era o fundamental. *"Hoje tem uma porção de gente que tá jogando pelo contrato em dólar e não para o time"*, criticou João já prevendo o que aconteceria com o futebol brasileiro.

João Saldanha morreu na Itália, quatro dias após a Copa do Mundo naquele país. Mesmo contra a vontade dos colegas, viajou para cobrir o campeonato. Genial e valente, João Saldanha, o homem sem medo, morreu fazendo o que gostava.

MEIO AMBIENTE

Noruega é dona de mineradora denunciada por contaminação

O governo da Noruega aproveitou a visita de Michel Temer para fazer duras críticas às políticas ambientais brasileiras e ao desmatamamento da Amazônia. Também anunciou que cortaria cerca de R$ 200 milhões dos repasses que faz ao Fundo Amazônia, destinado à preservação ambiental.

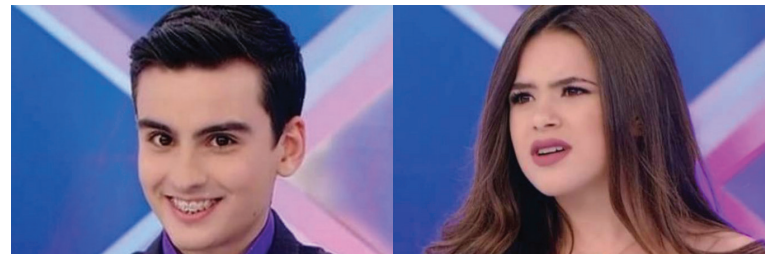
No entanto, o mesmo governo da Noruega, que se diz preocupado com o meio ambiente, é acionista maior da mineradora, a Hydro, na Amazônia. A empresa, uma das maiores produtoras de alumínio do mundo, é alvo de quase dois mil processos judiciais por contaminação de rios e da comunidade de Barcarena. A região é

uma das mais poluídas da floresta amazônica. A região possui uma média de um acidente ambiental por ano.

Além disso, a empresa ainda deve multas ao Ibama por conta de um transbordamento de lama tóxica por uma de suas subsidiárias. O valor estimado é de R$ 17 milhões.

A empresa e suas subsidiárias também devem indenização a moradores desapropriados para a prática da mineração. Isso sem falar nas comunidades locais que abandonaram seu local de origem por causa da contaminação dos igarapés, que não entram nessa conta.

MÍDIA

Um show de opressão

Bom senso nunca foi o forte de Silvio Santos. Parece, inclusive, que com o passar dos anos o apresentador e dono do SBT está perdendo ainda mais sua capacidade de avaliar o que é entretenimento e o que é ridículo.

Recentemente, passou dos limites no *Programa do Silvio Santos*. Ele aproveitou para promover um encontro forçado entre Maisa (15) e Dudu Camargo (19), ambos apresentadores da emissora. A justificativa, segundo o próprio Silvio Santos, era que Maisa precisava arrumar um namorado, e que Dudu era um bom candidato. Daí em diante, sucedeu-se um show de horrores. Ou melhor, de machismo, homofobia e falta de senso do ridículo.

Maisa ainda sustentou, com boas respostas, e enfrentou a situação. Mas a barbaridade foi tamanha que acabou abandonando o palco chorando.

Como se não bastasse, Silvio ainda tentou promover um segundo encontro. Mas ao que tudo indica, não irá ao ar. E tudo isso, vale dizer, num canal de concessão pública, que deveria oferecer conteúdo de qualidade para a população.

OPINIÃO SOCIALISTA 21 ANOS

Um jornal operário, revolucionário e socialista

Em junho de 1996, nascia o Opinião Socialista, novo jornal do PSTU

O **Opinião Socialista**, completou 21 anos de existência. E lá se vão 538 edições que atravessam diferentes momentos da história não tão recente do país. O **Opinião** é parte de uma imprensa operária, de esquerda, que se contrapõe à grande imprensa dos patrões.

Durante esses anos, o **Opinião** sempre foi ligado à luta de classes. Acompanhou momentos decisivos, como a luta contra as privatizações do governo FHC. Quando Lula assumiu advertiu que, mantendo a política econômica do governo anterior, nada mudaria. Durante os 13 anos de governos do PT, foi uma das poucas vozes que se declarou oposição de esquerda.

Essa longa história do **Opinião Socialista** se deve à reafirmação constante de seu caráter leninista, ou seja, do jornal como órgão central para o partido, que tenha tanto a função de organizador coletivo como de propagandista e agitador político. Isso submetido a uma estratégia: a construção de um partido revolucionário e da revolução socialista.

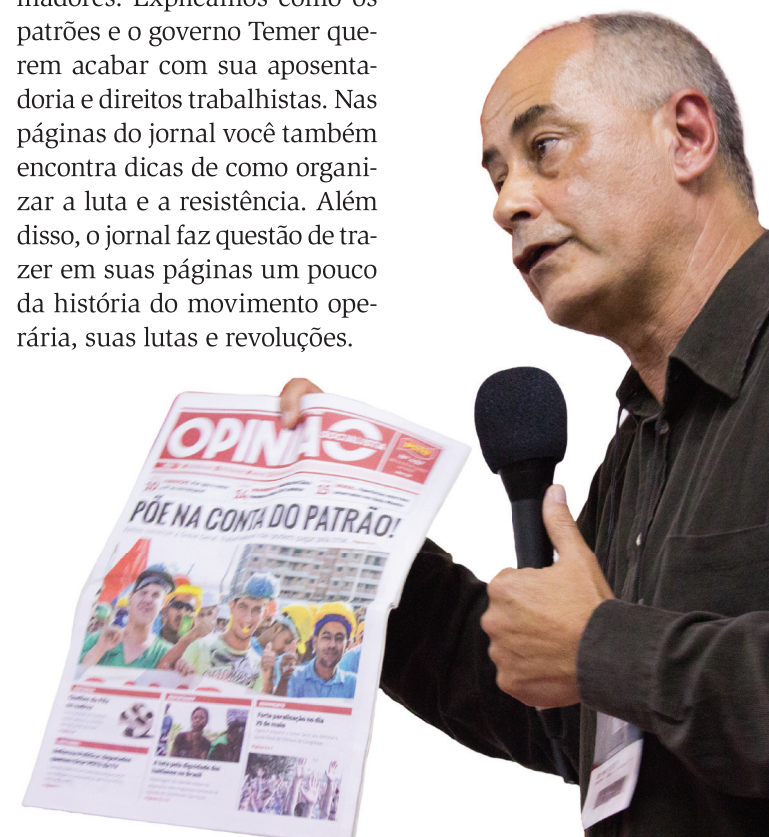
É por isso que o jornal do PSTU se mantém ativo enquanto várias organizações que, até pouco tempo atrás, reivindicavam uma estratégia socialista, simplesmente abandonam seus jornais. Abandonam, na verdade, qualquer perspectiva de mudança radical da sociedade para investir, no mais das vezes, numa estratégia meramente eleitoral.

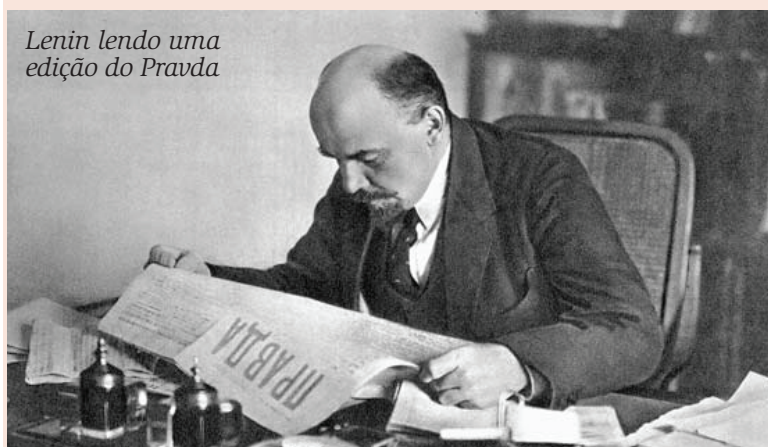
Acima, moradores da ocupação Jardim União, em São Paulo; abaixo, operários de Fortaleza (CE)

Além disso, o **Opinião** quer ser o jornal da classe operária. Por isso, não é imparcial. Temos um lado, o da classe trabalhadora, dos operários, camponeses e do povo pobre. Essa é a proposta do **Opinião Socialista**. Estamos do lado do povo trabalhador.

O Jornal Nacional, as grandes revistas e diários são os panfletos dos ricos. Mostramos o que você não vê no Jornal Nacional nem nos jornalões dos patrões. Divulgamos as lutas dos trabalhadores. Explicamos como os patrões e o governo Temer querem acabar com sua aposentadoria e direitos trabalhistas. Nas páginas do jornal você também encontra dicas de como organizar a luta e a resistência. Além disso, o jornal faz questão de trazer em suas páginas um pouco da história do movimento operária, suas lutas e revoluções.

O **Opinião** pode ser encontrado nas fábricas, nos canteiros de obras, nas ocupações, no campo, nas periferias do país, nas praças públicas e em todo lugar onde o povo trabalhador luta e resiste. **Opinião Socialista**, um jornal operário, revolucionário e socialista!

Zé Maria, presidente do PSTU, apresenta o jonal no 2º Congresso Nacional da CSP-Conlutas

100 ANOS DA REVOLUÇÃO RUSSA

Os Bolcheviques e o jornal

Lenin lendo uma edição do Pravda

Durante a Revolução Russa, os bolcheviques chegaram a publicar vários jornais diários. O mais famoso deles foi o Pravda, editado por Lenin. O objetivo dos bolcheviques sempre foi disputar a consciência dos operários, ajudá-los a superar seus erros e ilusões pra disputarem o poder.

Em seu livro *Que Fazer?*, de 1902, Lenin formulou as principais ideias a respeito do jornal do partido revolucionário. Seu objetivo era a luta implacável contra as tendências sindicalistas e reformistas que se expressavam em vários círculos social-democratas da época (os chamados economicistas). Para Lenin, era essencial a criação de um órgão central de propaganda, agitação e organização em todo o país. Funcionando como um verdadeiro intelectual coletivo, o jornal do partido criaria as condições para uma prática política verdadeiramente revolucionária, superando o mero sindicalismo. *"Sem este órgão de imprensa, o trabalho local seguirá sendo um trabalho 'artesanal' estreito. A formação do partido, se não se organiza um jornal determinado, que represente acertadamente a este partido, se reduzirá em grau considerável a simples palavras"*, diz Lenin.